



**Evangelismo Infantil-
Um Desafio para a Igreja**





Nov/Dez 79
Ano 45
Número 6

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Hábitos Ministeriais — II 3

EVANGELISMO

Morte aos 9 Anos de Idade 5

História e Desenvolvimento da Nova Revista *El Centinela* 7

O PASTOR

“Pastor, Vou Suicidar-me!” 10

O Lugar da Educação Religiosa no Ministério da Igreja 13

ARTIGOS GERAIS

Arqueologia Bíblica Depois de 30 Anos — 3ª Parte 15

Pregação e Interpretação Bíblica 21

CONHEÇAMOS AS UNIÕES

União Norte-Brasileira 24

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Salim Japas

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Kohler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura anual:
Cr\$ 96,00
US\$ 3,00

Editado bimestralmente
pela Casa Publicadora
Brasileira, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
760 Ponce de Leon
Boulevard, Coral Gables,
Florida 33134 U.S.A.

capa: werner

Hábitos Ministeriais — II

No número anterior analisamos os hábitos que prejudicam o obreiro. Esclarecemos, porém, que os hábitos corretos facilitam o trabalho pastoral. Além disso, certos hábitos são indispensáveis para o êxito. Nosso Senhor Jesus Cristo cultivou o hábito da oração, o hábito de refutar os argumentos dos inimigos com afirmações bíblicas e o hábito de trabalhar denodadamente pelo bem da humanidade.

Consideremos agora os hábitos positivos que o pastor deve adquirir e repetir constantemente.

Hábitos devocionais. O pastor é um homem de Deus. Representa a nosso Senhor Jesus Cristo. Sendo sua tarefa de índole espiritual, deve estar constantemente unido à fonte do poder espiritual. O alvo é a santidade, da qual explica Ellen G. White: "Santidade . . . é inteira entrega da vontade a Deus; é viver por toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade de nosso Pai celestial; é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como na luz; é andar pela fé e não pela vista; é apoiar-se em Deus com indiscutível confiança, descansando em Seu amor." — *Serviço Cristão*, pág. 235.

Os hábitos devocionais têm suas colunas principais no estudo sistemático da Bíblia, na oração, na meditação e na entrega diária da vida ao Senhor. Estas práticas piedosas serão diárias, pois "o tempo demanda maior eficiência e mais profunda consagração." — *Idem*, pág. 223.

Hábitos de estudo. Os reclamos do trabalho pastoral no tocante à pregação, ao evangelismo, ao trato com os membros e com os inconversos requerem alto grau de preparação. "Fato lamentável é que o progresso da Causa seja prejudicado pela falta de obreiros instruídos. . . . Um ministro nunca deve julgar que já aprendeu bastante, podendo agora afrouxar os esforços. Sua educação deve continuar por toda a vida, cada dia ele deve estar aprendendo, e pondo em prática os conhecimentos adquiridos." — *Obreiros Evangélicos*, págs. 93 e 94.

Hábitos de trabalho e constância. Para ter êxito no ministério não há substituto para o trabalho árduo e constante. Jamais um ministro terá pouco trabalho. Sempre há coisas para atender, promover, resolver e impelir. Por

CARLOS E.
AESCHLIMANN
Secretário
Ministerial da
Divisão
Interamericana.

isso, ele deve estar habituado a trabalhar. "O verdadeiro cristão trabalha para Deus, não por impulso, mas por princípio; não por um dia ou um mês, mas por toda a vida. . . . O homem que ama a Deus não mede o trabalho pelo sistema das oito horas. Trabalha a todas as horas, e nunca se acha fora de seu posto de dever." — *Serviço Cristão*, pág. 232.

Hábitos de organização, ordem e previsão. O rendimento máximo é fruto da organização, da ordem e da previsão. Convém fazer planos cuidadosos. Vale a pena manter as coisas em ordem. Paga dividendos ser previdente. "É o dever de todo cristão adotar hábitos de ordem, perfeição e presteza. . . . Com tino e método alguns conseguirão em cinco horas o mesmo trabalho que outros em dez." — *Idem*, pág. 237.

Hábitos de progresso. O obreiro que ama a Causa não pode conformar-se com pouco. Anela progredir. Cada ano traça planos de melhoramento, de avanço, de penetração, de vitórias, de desenvolvimento. Deixar tudo como está não é digno de um obreiro dinâmico. Sua aspiração deve ser aumentar, melhorar, ir para a frente e para cima.

Atitude positiva. Haverá problemas, lutas e perplexidades. Mas é mister manter uma atitude positiva. "Alguns dos que se empenham em serviço missionário são fracos, faltos de nervos, frouxos, facilmente desanimados. Falta-lhes estímulo. . . . Os que desejam obter êxito, precisam ser corajosos e cheios de esperança. Devem cultivar, não somente as virtudes passivas, mas também as ativas." — *Idem*, pág. 228.

Seriedade e dignidade. O pastor representa a Cristo, a igreja e a verdade, desempenhando portanto uma tarefa séria e digna. "A falta da verdadeira dignidade e cultura cristãs . . . é-nos desfavorável." — *Idem*, pág. 226. "Estai certos de manter a dignidade da obra mediante uma vida bem ordenada e uma piedosa conversação." — *Ibidem*.

Hábitos de lealdade. "O Senhor aborrece a indiferença e a deslealdade num tempo de crise em Sua obra." — *Idem*, pág. 236. O ministro, como soldado de Cristo, deve ser leal em toda prova — leal a Deus, à doutrina, à or-

**De Coração
a Coração**

ganização, a seus companheiros de trabalho, a sua igreja.

Hábitos de economia. Tanto nas finanças pessoais como nas da igreja, nunca haverá abundância. É necessário, portanto, cultivar o hábito da economia, obtendo o maior rendimento com o menor gasto.

Hábitos de temperança. "Oxalá todo filho de Deus tivesse a impressão da necessidade de ser sóbrio na comida, no vestuário, no trabalho, de modo que faça a melhor obra para a Causa de Deus. . . . O mau uso de nossas forças físicas abrevia o período de tempo em que nossa vida pode ser usada para a glória de Deus. . . . Os que assim, desconsiderando as leis naturais, encurtam a vida e se desqualificam para a obra, são culpados de roubo para com Deus." — *Idem*, págs. 247 e 248.

Hábitos de tato. O pastor tem de tratar com situações difíceis e complicadas, tanto com membros de igreja como com inconversos. É fácil ferir e repelir. "Grande tato e sabedoria são necessários no trabalho de ganhar almas." — *Idem*, pág. 231.

Fé e coragem. Na vida do pastor, muitas vezes tudo parece ser desfavorável, as portas cerradas, as perspectivas negativas; e pode haver escassez de fundos e abundância de oposição e suspeita. Mas o obreiro avança apesar dos obstáculos, pondo sua fé no poder de Deus. Com indomável coragem enfrenta o impossível. "O obreiro de Deus precisa de uma fé robusta. As aparências podem ser adversas; mas na hora mais sombria, a luz fulgura além. . . . A fim de efetuarmos serviço perfeito para Deus, são necessários esperança e ânimo, os quais são frutos da fé. O desânimo é pecaminoso e irrazoável. Coragem, energia e perseverança devem eles possuir. Embora lhes obstruam o caminho aparentes impossibilidades, devem avançar mediante Sua graça. Em lugar de deplorar as dificuldades, são chamados a sobrepor-se às mesmas." — *Idem*, págs. 234 e 235.

Jesus, Modelo de Bons Hábitos

A vida de Cristo é o paradigma dos hábitos dignos e convenientes para o ministro.

Devocionais: "Como uma pessoa identificada conosco, participante de nossas necessidades e fraquezas, dependia inteiramente de Deus e, no lugar oculto de oração, buscava força divina. . . . Em comunhão com Deus, podia aliviar as dores que O esmagava-

Os hábitos devocionais têm suas colunas principais no estudo sistemático da Bíblia, na oração, na meditação e na entrega diária da vida ao Senhor.

vam. Ali encontrava conforto e alegria." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, págs. 346 e 347.

Trabalho: "Nenhuma outra vida já foi tão assoberbada de trabalho e responsabilidade como a de Jesus." — *Idem*, pág. 346. "O Salvador era um obreiro incansável." — *Serviço Cristão*, pág. 232.

Tato: "Em Suas relações com outros, exercia o máximo tato, e era sempre bondoso e cheio de cuidado. Nunca foi rude, nunca proferiu desnecessariamente uma palavra severa, não ocasionou jamais uma dor desnecessária a uma alma sensível." — *Idem*, pág. 231.

Dignidade: "Conduzia-Se com divina dignidade; inclinava-Se, todavia, com a mais terna compaixão e respeito para todo membro da família de Deus." — *Ibidem*.

Atitude positiva: "Muitas vezes, por ser voluntário e não Se queixar, Seu trabalho era tornado desnecessariamente penoso. No entanto, não fracassava nem ficava desanimado. Vivia acima dessas dificuldades, como à luz da face de Deus." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 78.

Progresso: "Através de Sua existência terrestre, Jesus foi um ativo e constante trabalhador. Esperava muito resultado; muito empreendia, portanto." — *Idem*, pág. 62.

Amor: "Mas o amor de Cristo não se restringe a nenhuma classe. Ele Se identifica com todo filho da raça humana." — *Idem*, pág. 614.

Como Adquirir Bons Hábitos

Uma vez erradicados os hábitos perniciosos, é necessário adquirir e arraigar os positivos. William James, grande psicólogo, estabeleceu que na formação de todo novo hábito há quatro leis: 1) *Lei da iniciativa*, ou seja: aplicar toda a energia e o entusiasmo na aquisição do novo hábito. 2) *Lei da constância*: repetição infatigável até que o sistema nervoso e a vontade se acostumem. 3) *Lei da oportunidade*: aproveitar todas as oportunidades para exercitar o novo hábito. 4) *Lei da manutenção*: manter vivo o desejo e a prática do hábito.

Notemos este resumo de qualidades e hábitos desejáveis num obreiro: "O que labuta por almas, necessita de consagração, integridade, inteligência, operosidade, energia e tato. Possuindo esses requisitos, homem algum pode ser inferior; ao contrário, possuirá uma do-

minadora influência para o bem. . . .

A vida coerente, a santa conversação, a inabalável integridade, o espírito ativo e beneficente, o piedoso exemplo — eis os condutos pelos quais a luz é comunicada ao mundo.” — *Serviço Cristão*, págs. 227 e 228.

Como obter essas qualidades e hábitos? “Deus toma os homens como eles são, e educa-os para o Seu serviço, se eles estiverem dispostos a se submeterem a Ele. O Espírito de Deus, recebido na alma, aviva-lhe todas as faculdades. Sob a direção do Espírito Santo a mente que se consagra sem re-

Para ter êxito no ministério não há substituto para o trabalho árduo e constante. Jamais um ministro terá pouco trabalho.

servas a Deus, desenvolve-se harmonicamente, e é fortalecida para compreender e cumprir os Seus reclamos. O caráter fraco, vacilante, transforma-se noutro, vigoroso e firme. A contínua devoção estabelece uma relação tão íntima entre Jesus e Seus discípulos, que o cristão se torna como seu Mestre, no caráter. Ele tem uma visão mais nítida e vasta. Seu discernimento é mais penetrante, seu juízo mais equilibrado.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 285 e 286.

Permitamos que o Senhor forme em nós hábitos dignos e positivos. ■■

Morte aos 9 Anos de Idade

O coração de Joãozinho palpitava de excitação e alegria. Ele acreditava que agora era sua oportunidade. Agora ele poderia mostrar a Jesus o quanto O amava em troca de Seu grande amor por ele. Desceu, portanto, rapidamente pelo corredor da igreja com os outros que também atenderam ao convite do ministro para se dedicarem *por toda a vida*. Àquele que tanto fizera por eles. Com a mente repleta de pensamentos acerca de como poderia dar testemunho de Deus e mostrar-Lhe seu amor, Joãozinho dirigiu-se para a frente com determinação.

— Espere um pouco, meu filho. Aonde você está indo? Sente-se aqui ao meu lado — disse o homem sorrindo bondosamente, mas segurando com firmeza o braço do menino.

— Quero ser batizado. O pregador pediu que fôssemos à frente. Preciso ir até lá — explicou Joãozinho apressadamente.

— Isso é para pessoas mais velhas, meu filho. Há muitas coisas que você não compreende. Seria melhor você falar primeiro com os seus pais. Por enquanto, sente-se simplesmente aqui ao meu lado.

Acostumado a obedecer, Joãozinho deixou-se cair na poltrona, e seu coração pesaroso ficou cada vez mais desalentado. No momento em que a igreja foi despedida, ele correu até onde estavam seus pais e, com a voz embargada pelas lágrimas, exteriorizou seu

PAULENE BARNETT
Diretora-Associada
do Depto. da Escola
Sabatina da
Divisão do
Extremo-Oriente.

grande desejo de ser batizado e tornar-se um obreiro para Deus.

Seus pais adventistas tiveram uma resposta imediata:

— Você ainda é muito novo, Joãozinho. Espere até que tenha doze anos, e então poderá ser batizado.

Durante todo o trajeto para casa, o menino implorou e argumentou. Nada pôde convencê-lo de que o seu amoroso Deus não queria meninos de nove anos de idade *agora mesmo*. Quando, porém, todas as súplicas falharam, Joãozinho cedeu obedientemente. Durante muitas horas sigilosas seu coração pesaroso extravasou-se em lágrimas. Sábado após sábado ele sentou-se com sua família, na igreja. Os altos e claros rogos do Espírito Santo só traziam confusão e angústia mental ao obedecer ele aos desejos das pessoas de mais idade, adiando sua dedicação pública a Deus. Ninguém parecia compreender a decepção que lhe enchia a mente. Sua solução para esse grande conflito, aos nove anos de idade, consistiu simplesmente em fugir dele. Joãozinho começou a evadir-se da Escola Sabatina a fim de encontrar outras atividades que não parecessem ocasionar confusão e frustração.

Com o passar dos meses, a ausência desse garoto na igreja tornou-se cada vez mais freqüente. A princípio isso não foi notado por seus pais, pelos dirigentes das divisões da Escola Sabatina ou pelos professores, pois não eram

Evangelismo

mantidos registros da frequência individual. Depois de algum tempo, porém, a ausência de Joãozinho começou a ser notada. Quando ele atingiu os doze anos de idade, ninguém mais conseguiu persuadi-lo a ir à Escola Sabatina. Outros interesses ocupavam-lhe a mente na íntegra. A crescente solicitude e os rogos dos pais desse menino e de amigos na igreja não conseguiram trazê-lo de volta.

Hoje ele é um próspero homem de negócios. Não reside mais no Extremo Oriente, tendo trocado seu lar oriental por uma vida diferente e um novo grupo de amigos na América do Norte. Não parece mais ouvir a tranqüila voz do Espírito Santo. Os amigos e seus familiares na igreja da terra natal ainda lamentam a morte espiritual que se apoderou de Joãozinho, o qual, aos nove anos de idade, solicitou com lágrimas que lhe deixassem entregar a vida a Deus.

Evangelismo infantil — que desafio à igreja se acha contido nestas duas palavras! As nações do mundo, hoje em dia, estão dando renovada atenção às crianças. Não deveria a igreja fazer a mesma coisa?

1979 foi declarado o Ano Internacional da Criança, e os Estados Unidos, o Brasil e outros países convidam os pais a renovarem sua solicitude pelas crianças. O Governo das Ilhas Filipinas proclamou os anos 1977 a 1987 como a Década da Criança Filipina, a qual deve ser observada em toda a nação.

Numa alocução a mais de vinte mil delegados adventistas do sétimo dia num recente congresso da Escola Sabatina em Manila, a primeira dama dos filipinos, Sra. Imelda Marcos, disse o seguinte: “O objetivo fundamental desse plano de dez anos é transformar nessa década a condição das crianças filipinas. . . . Somos portanto exortados a prover-lhes tal desenvolvimento social e espiritual em que possam perceber todo o seu potencial. . . , pois nelas reside nossa esperança de sobrevivência do futuro.”

Não poderíamos acrescentar que nelas reside nossa esperança de sobrevivência da igreja? Num antigo exemplar da revista *Time* encontra-se um artigo escrito pelo Dr. Franklin Clark Fry, o qual naquele tempo era o presidente da Igreja Luterana. Ele advertia que estava chegando o tempo para as missões mundiais cristãs “apertarem o botão de alarma”, porque o cristianismo está se desvanecendo, está perdendo sua posição como “o maior poder da Terra”, visto que a totalidade

Evangelismo infantil — que desafio à igreja se acha contido nestas duas palavras!

de seus membros diminui cada vez mais. Ele recomendou que as missões cristãs enfrentassem a emergência do decréscimo no número de seus membros. Será que o evangelismo infantil oferece alguma solução para essa emergência da redução do número de membros?

Proporção Decrescente de Conversões

Estudos levados a efeito por diversas organizações religiosas indicam que 85% ou mais dos que aceitam a Cristo fazem-no antes dos 15 ou 16 anos de idade. Os mesmos estudos revelam enormes quedas no número dos que aceitam o cristianismo depois dessa idade. Talvez os mais chocantes sejam os que indicam que entre os 25 e os 45 anos de idade apenas um dentre 10.000 não-cristãos aceitarão o cristianismo. Após os 45 anos de idade, a proporção é ainda mais inacreditável: um dentre 200.000!

Se perguntarmos às Nações Unidas por que é necessário o Ano Internacional da Criança, sua resposta será: “Em muitos casos, as necessidades das crianças não estão sendo supridas de modo adequado. Visto que a qualidade do mundo de amanhã — ou sua sobrevivência — será determinada pelo desenvolvimento das crianças hoje em dia, e visto que as crianças dependem inteiramente dos adultos, devemos dar-lhes o melhor que temos.”

Como a Igreja encara as necessidades das crianças? Qual é sua responsabilidade? Que revelaria uma cabal investigação das necessidades das crianças? Dar-se-á o caso de que as seguintes palavras, escritas há muitos anos, ainda se aplicam à Igreja no tempo presente?

“Os cordeiros do rebanho precisam ser alimentados, e o Senhor do Céu observa para ver quem está realizando a obra que Ele deseja que se faça pelas crianças e os jovens. A igreja está adormecida e não avalia a magnitude do assunto.” — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 455.

“A igreja está a dormir, e não se compenetra da grandeza deste assunto da educação das crianças e jovens.” — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 39.

“Não são apenas os ministros que têm negligenciado a solene obra de salvar a juventude; os membros da igreja terão de prestar contas ao Mestre por sua indiferença e negligência do dever.” — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 77.

Durante 1979, o plano das Nações Unidas é "focalizar as crianças e colocá-las em seu devido lugar: no centro da preocupação do mundo. ... Trabalhai juntos em programas concretos, construtivos e práticos em prol das crianças."

Podeis imaginar o que sucederia se a Igreja fizesse planos para um esforço total a fim de suprir as necessidades espirituais das crianças durante o próximo ano, durante cinco anos ou menos de dez anos? Que "programas concretos, construtivos e práticos em prol das crianças" são necessários na igreja hoje em dia?

"Nossas reuniões devem oferecer o maior interesse possível. ... (O) culto deve ser interessante e atraente, não se permitindo que degenerem em formalidade insípida." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 252.

"Não descanseis até que toda criança de vossa classe seja levada ao salvador conhecimento de Cristo." — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 126.

Se a Igreja seguisse realmente tal plano de ação, seria difícil imaginar que ela continuasse a ter tantos edifícios de igreja sem um só aposento em que as crianças possam reunir-se. Deveriam ser impressos programas e auxílios vi-

Como a Igreja encara as necessidades das crianças? Qual é sua responsabilidade? Que revelaria uma cabal investigação das necessidades das crianças?

suais que fossem enviados a milhares de igrejas nas quais jovens dirigentes com pouco preparo talvez nunca tenham visto uma Escola Sabatina bem organizada e dirigida. As lições da Escola Sabatina para as crianças não devem estar somente nas mãos dos dirigentes, mas nos lares de todos os membros da igreja. Não poderia a Escola Sabatina tornar-se a coisa mais atraente e excitante na experiência das crianças?

"Deus quer que toda criança de tenra idade seja Seu filho, adotado em Sua família." — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 151.

"A menos que sejam ... envidados grandes esforços para erguer [ao redor dos jovens] barreiras que os protejam contra os ardis de Satanás, estarão sujeitos a suas tentações e serão levados cativos por ele." — *Testimonies*, vol. 5, pág. 329.

"Não ensineis as crianças com referência a algum tempo, no futuro, em que elas terão idade bastante para se arrepender e crer na verdade. Quando instruídas de maneira apropriada, crianças muito pequenas poderão ter corretos pontos de vista quanto a seu estado como pecadores e ao caminho da salvação, por meio de Cristo." — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 80.

História e Desenvolvimento da Nova Revista El Centinela

1. Poderia relatar-nos como nasceu o conceito do novo El Centinela?

O clamor: "Queremos uma revista missionária econômica" ressoava há anos entre leigos e obreiros da Divisão Interamericana. O Pastor Luís Ramírez, diretor de Publicações da Divisão Interamericana, e outros dirigentes aceitaram o desafio e o apresentaram perante a Comissão Coordenadora de Publicações da referida Divisão e da Pacific Press, que se reuniu em setembro de 1975, em Mountain View, Califórnia. Eis aqui um parágrafo saliente da resolução tomada ali:

"VOTADO recomendar às mesas ad-

Um plano revolucionário para disseminar o evangelho. Entrevista com o diretor de *El Centinela*, Dr. Túlio N. Peverini.

ministrativas correspondentes que a Divisão Interamericana e a Pacific Press estudem o plano de publicar a revista *El Centinela* ao menor preço possível, entendendo-se que nem a Casa Publicadora, nem as agências, nem os colportores, nem os membros da igreja obterão lucro. ... Considerar a possibilidade de que *El Centinela* tenha 16 páginas, com ênfase ainda maior aos temas de caráter religioso."

Esta recomendação foi aprovada unanimemente nas mesas administrativas citadas, e o projeto teve seu lançamento em julho de 1976, no Concílio Quadrienal da Divisão Interamericana,

realizado em Jamaica. A Pacific Press preparou em forma experimental o primeiro número de *El Centinela* em seu novo formato, e imprimiu 500 exemplares de amostra, os quais foram distribuídos entre os delegados do Concílio, a fim de recolher suas impressões e sugestões. A idéia foi aceita com notável entusiasmo, e sob a liderança do Pastor B. L. Archbold se decidiu começar com o novo *El Centinela* missionário e econômico a partir de janeiro de 1977.

2. *Que acolhida está tendo entre os Campos o novo El Centinela missionário?*

Extraordinária. Desde o começo este novo *El Centinela* recebeu o firme apoio dos dirigentes locais, dos pastores e das forças leigas de toda a Divisão, e isto é compreensível, porque a iniciativa proveio do campo. Seis das sete uniões nomearam um promotor especial de *El Centinela*, o qual percorre as igrejas para estimular a circulação da revista e mostrar como usá-la. Temos recebido muitos testemunhos escritos por obreiros e membros da igreja dizendo que *El Centinela* econômico é "a resposta a nossas orações. Ao novo preço, o evangelho será pregado mais rapidamente às massas e logo poderemos sair deste mundo."

3. *É verdade que El Centinela está sendo publicado em outros idiomas além do espanhol?*

Sim. Desde janeiro de 1977 ele é impresso em inglês (*The Sentinel*) e em francês (*La Sentinelle*) para as duas uniões de língua inglesa e para a união francesa, respectivamente, da Divisão Interamericana. Em janeiro de 1979 começou uma edição em português (*Sinais*) destinada aos que falam esta língua nos Estados Unidos e no Canadá. Em julho deste ano se iniciou uma edição trimestral em holandês, a ser usada basicamente no Surinam, e o conteúdo e a diagramação de *El Centinela* servem de base para a preparação de *Oznake*, a revista missionária em ucraniano.

4. *Qual a tiragem de El Centinela?*

Durante 1978 se alcançou uma média mensal de 643.200 exemplares, somando todas as edições — ou seja, um total para o ano de 7.718.400 exemplares; nesta quantidade estão incluídos dois números especiais: o de outubro, dedicado à campanha da Recolta, com uma tiragem de quase 1.600.000 exemplares; e o de dezembro, usado como número evangelístico, do qual se imprimiram 980.000 exemplares.

No momento em que é respondido este questionário (abril de 1979), a tiragem mensal regular ascende a 573.000

Temos recebido muitos testemunhos escritos por obreiros e membros da igreja dizendo que El Centinela econômico é "a resposta a nossas orações".

exemplares, com a seguinte distribuição entre as várias edições: espanhol: 415.000; francês: 68.000; inglês: 55.000; holandês: 22.000; Português: 8.000; ucraniano: 5.000.

5. *Quais são as características salientes do novo El Centinela em sua apresentação, tanto de forma como de fundo?*

Forma. A revista tem 16 páginas, e desde janeiro de 1977 a junho de 1979 foi impressa em duas cores. (Como a Pacific Press acaba de comprar uma prensa rotativa contínua para imprimir com quatro cores, *El Centinela* recuperará as quatro cores da capa.) A diagramação é funcional e sóbria, como convém a uma publicação de tipo religioso, e leva em conta as características étnicas dos países onde circula a revista. É dada preferência a artigos curtos, considerando o tamanho do periódico e o público ao qual é dirigido.

Fundo. Agora *El Centinela* dá maior ênfase que antes aos temas religiosos, sem excluir completamente os artigos sobre saúde, para o lar e para os jovens. Achamos que chegou o tempo em que convém apresentar com clareza as doutrinas de nossa Igreja. Naturalmente, isso deve ser feito com tato e de modo positivo. No começo da revista se declara que ela é "publicada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia". Se bem que isso possa afugentar a alguns leitores com preconceitos, pensamos que muitos sinceros buscadores da verdade são conduzidos mais rapidamente à igreja verdadeira graças a esse enfoque mais cândido e aberto.

6. *Qual é o preço de El Centinela e como é obtido?*

Na América Central a assinatura anual de *El Centinela* custa \$ 1.20 dólares (em cada país o preço é fixado na moeda local), e este preço é o mesmo para os membros da igreja, para os colportores e para o público em geral, se bem que a grande maioria dos não-adventistas recebam a revista de presente. Este preço é obtido seguindo o princípio de que "nem a Casa Publicadora, nem as agências, nem os colportores, nem os membros da igreja obterão lucro", segundo recomendou a Comissão Coordenadora em 1975. Considerando que este preço não se alterou desde janeiro de 1977, ao passo que o custo dos materiais e da produção subiu acentuadamente, ocasionando perdas para a casa publicadora, está-se estudando a possibilidade de aumentá-lo levemente para cobrir os gastos. Nos Estados Unidos e no Canadá ele é maior do que na América Central, correspondendo assim às

circunstâncias próprias desse território.

7. *É certo que o novo El Centinela auspícia a publicação de artigos escritos por elementos locais?*

Definidamente. De modo pessoal, por carta, em reuniões de obreiros e visitas às instituições animamos a representantes do campo a escreverem para *El Centinela*, e lhes pedimos artigos sobre temas definidos. Além disso, por intermédio do secretário da Associação Ministerial da Divisão Interamericana temos conseguido dezenas de artigos de evangelistas e pastores de nosso território. Sem nos comprometermos de antemão a publicar tudo que nos é enviado, receberemos com prazer artigos e relatos sobre temas diversos destinados a *El Centinela*.

8. *Como El Centinela ajuda a evangelização?*

A página impressa não somente ajuda a evangelização, mas é um dos instrumentos mais eficazes para a conquista de almas. "É em grande parte por meio de nossas casas editoras que se há de efetuar a obra daquele outro anjo que desce do céu com grande poder e ilumina a Terra com sua glória." — *O Colportor-Evangelista*, pág. 4. Ademais, *El Centinela* colabora na evangelização pública predispondo favoravelmente o intelecto e o coração dos que assistirão a séries de conferências. Também é útil durante tais séries para reforçar determinadas doutrinas: a Segunda Vinda de Cristo, o Sábado, o Estado dos Mortos, etc.; têm sido publicados números especiais sobre estes assuntos, e muitos evangelistas fazem bom uso deles. Por último, a revista é útil depois de uma campanha evangelística, como meio de "reforço", para firmar na fé os novos convertidos.

Junto com isso, *El Centinela* colabora eficazmente na evangelização realizada pela "Voz da Esperança". Cada mês incluímos um cupom de inscrição no curso bíblico gratuito, da Escola Radiopostal, e semanalmente recebemos mais de cem cupões, o que representa uns 5.000 alunos anuais. Por outro lado, periodicamente aparece em *El Centinela* a lista das principais estações que transmitem o referido programa na América Central.

9. *Quais os planos futuros relacionados com El Centinela?*

No que diz respeito ao aspecto editorial, desde agosto de 1979 iniciou-se uma nova série de estudos bíblicos, e a partir de janeiro do próximo ano introduziremos algumas seções novas, que incluirão, entre outras coisas, biografias, reportagens e relatos para jo-

Em janeiro de 1979 começou uma edição em português (Sinais) destinada aos que falam esta língua nos Estados Unidos e no Canadá.

vens. Pensamos em publicar mais artigos sobre atualidades religiosas e interpretação dos acontecimentos contemporâneos à luz da Bíblia e das profecias. *El Centinela* de abril de 1980 será um número evangelístico dedicado ao tema de Cristo, o Salvador, considerando que nesse mês se celebra a Semana Santa. Além disso, a partir de janeiro do próximo ano será efetuada uma remodelação da diagramação e certa variação tipográfica.

No tocante à circulação, estamos orando e lutando, em estreita colaboração com o campo, para alcançar em 1980 o alvo de um milhão de exemplares mensais, segundo foi proposto pela Divisão Interamericana. Cremos que o aumento do número de membros ao término de 1979, Ano da Explosão Evangelística, unido ao trabalho fervoroso e, sobretudo, ao derramamento do Espírito Santo, determinarão um notável incremento na circulação da revista.

10. *Estão conseguindo sentir o impacto de El Centinela sobre o público?*

Sim, pelo menos parcialmente, através da correspondência que recebemos. Chegam umas 150 cartas semanais pedindo o curso bíblico, fazendo perguntas doutrinárias, expressando apreço pela revista (e às vezes criticando-a), solicitando ajuda para resolver problemas pessoais e até perguntando pela Igreja Adventista e manifestando interesse em pertencer a ela.

Com freqüência cada vez maior nos inteiramos de incidentes de conquista de almas por meio de *El Centinela*. Por falta de espaço, nos limitaremos a mencionar um só, o qual nos foi narrado pelo Pastor Isai Villarreal, diretor de Publicações da União Mexicana.

El Centinela de agosto de 1978 versou sobre o assunto do sábado e do domingo. Em setembro desse ano, um estudante da Universidade de Montemorelos decidiu distribuir exemplares desse número entre todos os passageiros de um ônibus. Quando estava para descer do veículo, um senhor lhe perguntou quem era e o que estava fazendo. Nosso jovem adventista lhe respondeu que estudava na universidade. O passageiro lhe entregou o nome e endereço, pedindo que o visitasse para falar sobre o assunto que aparecia na revista, porque lhe interessava muito. Três semanas depois, o estudante dirigiu-se até lá com um companheiro e encontraram cerca de dez pessoas que estavam guardando o sábado como resultado da leitura dessa revista e da obra do Espírito Santo. Um mês mais tarde, cinco delas desceram às águas

batismais, e os jovens organizaram um grupo de trinta pessoas.

Graças às modificações introduzidas em *El Centinela*, sua tiragem se elevou consideravelmente. Desta maneira a revista goza da maior circulação entre as revistas missionárias ou de assinaturas publicadas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Somos gratos a Deus por isso, e a Ele rendemos toda a honra. Ao mesmo tempo, destacamos a visão dos dirigentes da Divisão Interamericana, o apoio dos administradores e departamentais em todos os

Agora El Centinela dá maior ênfase que antes aos temas religiosos, sem excluir completamente os artigos sobre saúde, para o lar e para os jovens.

níveis, o trabalho dos promotores e dos pastores de igreja e, sobretudo, a participação consagrada de nossos membros que levam *El Centinela* de casa em casa.

Creio que, como Igreja, devemos lançar-nos com todo o entusiasmo num programa de distribuição em massa de publicações pequenas de baixo preço, como aconselha o Espírito de Profecia. Disse nosso Senhor: "É necessário que façamos as obras d'Aquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar." S. João 9:4. ■■

“Pastor, Vou Suicidar-me!”

— Pastor, pensei que o senhor deveria sabê-lo. Tomei uma das mais importantes decisões de minha vida. Tudo esteve tão confuso por tanto tempo e parecia piorar continuamente! Mas agora sinto-me completamente tranquilo. Encontrei a solução perfeita para os meus problemas, e é um alívio saber que eles logo terão passado. Vou suicidar-me!

A voz no outro lado da linha telefônica era monótona e destituída de emoção, a despeito da urgência das palavras. De algum modo, quase instintivamente, o jovem pastor sabia que a maneira prosaica como falou essa pessoa indicava sua absoluta seriedade.

A última frase repercutiu na mente do pastor durante os poucos segundos que levou para avaliar o que ele acabara de ouvir. Naquele momento foi-lhe impossível analisar acuradamente todas as suas emoções. Predominava em sua mente um sentimento de desamparo — que ele deveria fazer? Se já assistira a alguma aula sobre como lidar com tais situações, não conseguia lembrar o que devia fazer em seguida. Estava sozinho na linha de fogo, tratando de seu primeiro caso de suicídio.

Cada ano cerca de 24.000 norte-americanos põem fim a sua própria vida; calcula-se que outros 75.000 destroem a si mesmos, mas não são identificados como vítimas de suicídio.¹ Isto significa que cada vinte minutos, em média, um norte-americano comete suicídio.

DR. VERN R. ANDRESS
Diretor do Depto. de Psicologia da Universidade de Loma Linda.

E para toda pessoa que realmente se mata, há dez outras que fazem uma séria tentativa.²

A maioria desses indivíduos que destroem a si mesmos dão claros indícios de suas decisões suicidas, e grande número deles fazem evidentes tentativas para buscar ajuda, chamando amigos, parentes ou profissionais, como médicos ou ministros. Para que um profissional possa ser útil a uma provável vítima de suicídio, ele deve ter alguma compreensão desse fenômeno.

Eis alguns dos característicos mais comuns: 1. Para cada mulher que se mata, há dois ou três homens que fazem a mesma coisa. 2. O risco do suicídio aumenta com a idade. 3. Suicidam-se mais pessoas de raça caucásica do que de qualquer outro grupo étnico. 4. O índice de suicídio é maior entre os indivíduos separados, divorciados ou viúvos. 5. Mais mulheres tentam o suicídio do que homens. 6. Toda ameaça de suicídio deve ser encarada seriamente. Muitos ameaçadores passam a fazer tentativas, e muitos que fazem tentativas acabam cometendo suicídio. 7. Depois que uma pessoa tentou o suicídio e falhou, é mais provável que toda tentativa subsequente seja fatal. 8. A maioria das pessoas que tentam ou cometem suicídio são ambivalentes quanto a morrer por ocasião de seu ato.³

As pesquisas indicam que a pessoa típica que comete suicídio é um homem

O Pastor

caucásico de idade mediana (50-59 anos) que se acha empregado como operário especializado ou não. Geralmente está separado da esposa e tem um caso de enfermidade física, que julga não estar mais em condições de enfrentar. Suicidar-se-á provavelmente com um revólver, adquirido originariamente para proteção de sua família e dele próprio. As mulheres que se suicidam fazem-no mais freqüentemente entre os 35 e os 54 anos de idade.⁴

A maioria dos homens que cometem suicídio escolhem um método que é ao mesmo tempo rápido e irreversível, como um tiro, o enforcamento ou o ato de saltar de um lugar alto. A maioria das mulheres que se matam fazem-no com uma dose excessiva de medicamentos, um método que nem é rápido nem irreversível. Esta diferença entre os homens e as mulheres em sua escolha de métodos pode denotar uma distinção na maneira de encarar a vida em geral. As mulheres usam atitudes suicidas como forma de revelar seu desespero enquanto ainda há esperança de auxílio; os homens esperam até que o suicídio se torne a única opção viável que conseguem vislumbrar.

Se o suicídio é realmente uma forma de comunicação desesperada — um clamor por auxílio a que se recorre quando falharam todas as outras tentativas de comunicação — então todas as atitudes suicidas (tanto ameaças como tentativas) devem ser encaradas com seriedade. Infelizmente, muitas pessoas tendem a considerar essas atitudes como manipulações agressivas e caprichosas, e não como algo que seja sério.

A ambivalência para com a morte manifestada pelos suicidas medianos não deve ser interpretada como sinal de engano intencional. Tais indivíduos oscilam realmente entre o desejo de pôr fim a sua infelicidade por meio da morte e o desejo de que alguém manifeste certa solicitude que os convença de que o suicídio não é necessário. A maioria das pessoas que realmente se suicidam fizeram ameaças e tentativas anteriores que falharam no sentido de produzir a ajuda que estavam buscando. Por conseguinte, toda atitude suicida deve ser encarada seriamente.

Evidentes tentativas de suicídio constituem, porém, apenas as indicações mais óbvias de que a pessoa chegou a tal ponto de desespero que considera a autodestruição como a única solução de seus problemas. As pessoas que tencionam suicidar-se com freqüência deixam indícios. Alguns deles são muito diretos e pertencem à cate-

Cada ano cerca de 24.000 norte-americanos põem fim a sua própria vida; calcula-se que outros 75.000 destroem a si mesmos, mas não são identificados como vítimas de suicídio.

goria de ameaças de suicídio. Outros são mais sutis, consistindo de insinuações de que seria melhor morrer ou de que a pessoa está cansada de viver. Outros indícios envolvem alterações na conduta ou no modo de proceder que talvez não sejam reconhecidas até que tenha ocorrido o suicídio. Muitas atitudes suicidas poderiam ser evitadas se os que estão perto da vítima em potencial compreendessem os indícios suicidas e se mostrassem sensíveis reabrindo as necessárias vias de comunicação.

Eis alguns dos indícios sutis a serem observados: 1) dificuldade incomum para dormir, seguida por períodos de melancolia geral; 2) perdas repentinas e inexplicáveis de apetite, peso, ou interesse sexual; 3) inexplicável perda de interesse no trabalho ou nas atividades costumeiras, tais como passatempos ou esportes; 4) inexplicável perda de interesse em amigos e parentes; 5) conversas freqüentes sobre a morte ou o desejo de morrer; 6) inesperados preparativos para a morte, tais como providências funerárias, atualização de apólices de seguro, elaboração de testamentos e consignação de encargos; 7) repentina e inexplicável doação de bens muito estimados; 8) repentino interesse em comprar ou tomar emprestado revólveres, punhais, cordas, medicamentos, etc.⁵

Obviamente, nem todos os que manifestam uma ou mais dessas atitudes tencionam suicidar-se. Contudo, quanto mais um indivíduo tomar notórios esses sinais comuns, tanto mais importante é que os que se acham por perto considerem seriamente as técnicas de intervenção para deter o suicídio.

Ao contrário da crença popular, o suicídio raramente é cometido como um ato impulsivo. A maioria dos suicídios são bem planejados e amadureceram através de um longo período de reflexão. O suicida típico passa por um processo de planejamento ordeiro desde o ponto incipiente até o ponto de ação. Em geral, o plano abrange as seguintes etapas:⁶

1. *A resolução.* O suicida tem de resolver primeiro as considerações filosóficas e éticas de sua autodestruição. O indivíduo geralmente revela agitação e preocupação ao superar suas inibições culturais básicas contra o suicídio. Esta etapa provavelmente continuará por um longo período de tempo, sendo feita alguma resolução toda vez que o indivíduo enfrentar uma crise pessoal que suscite pensamentos suicidas.

2. *A etapa inicial.* Depois que o indivíduo superou sua aversão preli-

minar ao suicídio, ele começa a tomar medidas concretas para converter o seu plano numa realidade. Primeiro, ele escolhe a forma da morte. Neste ponto, o indivíduo avalia as "vantagens" de uma arma sobre a outra; a resolução advém quando ele escolhe o meio com o qual porá fim a sua própria vida. Em seguida vem a escolha de um local apropriado. São levadas em consideração tais coisas como a quantidade de tempo necessário, o espaço de tempo entre o suicídio e a descoberta, quem com mais probabilidade fará a descoberta e o impacto que ela terá sobre essa pessoa. Durante essa etapa, o indivíduo ensaia continuamente o ato suicida em sua mente, até achar que aperfeiçoou o seu plano. Durante esse período, seus familiares e amigos talvez percebam suaves indícios de agitação.

3. *Etapa de adiamento.* Durante essa etapa final, o indivíduo frequentemente se torna tranquilo. Visto que ele decidiu todas as questões relacionadas com a morte iminente que causará a si mesmo, pode dirigir os seus esforços para a abertura de canais de comunicação com os que lhe são importantes. O ato suicida ainda é reversível, embora o seja cada vez menos com o passar do tempo. No entanto, se os canais de comunicação puderem ser devidamente abertos, mesmo durante essa etapa final, é possível que o suicídio seja evitado. Se, porém, os esforços do indivíduo em favor da comunicação forem frustrados, ele poderá expressar a premência de suas necessidades por meio de uma tentativa de suicídio que quase seja fatal. Se essa medida desesperada não resolver os seus problemas, é muito provável que faça outra tentativa, sendo que cada uma dessas tentativas subsequentes se tornará mais desesperada e mais letal. Se houver outra tentativa, ela ocorrerá provavelmente dentro de noventa dias após a anterior.⁷

Cumpra salientar novamente que a maioria dos suicidas são ambivalentes quanto a morrer.⁸ Essa ambivalência para com a morte pode explicar por que os suicidas com frequência chamam o seu pastor ou médico e expressam abertamente sua intenção suicida. A importante questão agora é a seguinte: "Que devo fazer se receber o chamado de alguém que pretende suicidar-se?"

A primeira regra é permanecer calmo! A ansiedade na voz ou nas maneiras acentua a capacidade para manipular-vos, da pessoa na outra extremidade da linha. Apesar da premência da situação, a pessoa telefonou devido a sua ambivalência quanto a morrer e

A maioria dos homens que cometem suicídio escolhem um método que é ao mesmo tempo rápido e irreversível, como um tiro, o enforcamento ou o ato de saltar de um lugar alto.

quanto a seu desejo de auxílio. Ela necessita de vossa confiança e estabilidade como reafirmação de sua capacidade para superar a crise atual.

A segunda regra é assegurar ao interlocutor que encarais seriamente sua capacidade para suicidar-se. Isso indica que não lidareis com o seu problema de maneira irrealista. Outrossim, às vezes é benéfico indicar ao interlocutor que não pretendeis dissuadi-lo de sua ação. Essas duas coisas indicam vossa aceitação de sua potencialidade e reduzem a necessidade de que ele vos convença de que precisa e pode suicidar-se. É um princípio psicológico que ao procurar convencer-vos da "honradez" de sua conduta, a provável vítima de suicídio pode muito bem acabar convencendo a si mesmo.

Podeis dizer: "Estou contente porque decidi chamar-me e partilhar comigo a sua aflição. Tenho certeza de que considerou cuidadosamente a sua situação e compreendo plenamente que o suicídio é uma das opções que surgem à sua frente. Visto que julgo ser importante que cada pessoa tome suas próprias decisões, não procurarei dissuadi-lo de suicidar-se; entretanto, gostaria de tomar alguns minutos para ver se foram plenamente consideradas algumas de suas outras opções."

O passo seguinte é analisar algumas das opções alheias ao suicídio que se acham à disposição do indivíduo. Isto é efetuado com mais facilidade pedindo-lhe que mencione algumas das outras opções que já considerou. É mais fácil que ele diga o que lhe é importante, do que fazerdes conjeturas a esse respeito. Esse passo constituirá a maior parte da conversação. Para assegurar sua eficácia deveis realmente prestar atenção a todas as mensagens sutis que estareis recebendo. Uma das coisas mais importantes na mente da pessoa que pretende suicidar-se é sua necessidade de ser ouvida. A atividade apropriada do conselheiro nesse ponto é escutar com atenção. Procurai encontrar maneiras pelas quais podeis reafirmar sinceramente os sentimentos de consideração e valor pessoal do interlocutor. A solicitude e o amor de vossa parte podem ser manifestados por meio de paciente e intensa atenção no tempo de crise e mediante constante contato depois que a crise tenha passado.

Finalmente, é importante reconhecer as limitações pessoais neste setor muito especializado. As pessoas que tencionavam suicidar-se devem ser estimuladas a buscar o conselheiro de um profissional. Às vezes o pastor acha

que remeter o cliente a outro conselheiro pode ser encarado como mais um caso numa série de rejeições. O fato é, porém, que tal recomendação geralmente é encarada como uma demonstração da verdadeira solicitude do pastor por esse indivíduo, especialmente se o ministro mantém uma relação cordial e solícita com a pessoa depois disso.

A maioria das grandes comunidades possuem agora centros de prevenção de suicídio ou telefones especiais em que auxiliares competentes se acham disponíveis durante as vinte e quatro horas do dia.

Um dos mais importantes elos na rede de amparo às pessoas que tencionavam suicidar-se é o seu pastor, ao qual elas recorrem com muita frequência em

Ao contrário da crença popular, o suicídio raramente é cometido como um ato impulsivo. A maioria dos suicídios são bem planejados e amadureceram através de um longo período de reflexão.

busca de arrimo quando a força interna está diminuindo. ■■

Bibliografia

1. Leonard Linden e Warren Breed: "A Epidemiologia do Suicídio", *Suicidology: Contemporary Developments* (Nova Iorque: Grune and Stratton, 1976), págs. 71-98.
2. Erwin Stengel: "Tentativas de Suicídio", *Suicidal Behaviors: Diagnosis and Management* (Boston: Little, Brown and Company, 1968), págs. 171-189.
3. David Lester: *Why People Kill Themselves* (Springfield, Ill.: Charles C. Thomas, publicador, 1972).
4. Vern R. Andress e David M. Corey: *The Demographic Distribution of Suicide in Riverside County Between 1965 and 1969* (Loma Linda Califórnia: Loma Linda University Press, 1976).
5. Calvin J. Frederick e Louise Laque: *Dealing With the Crisis of Suicide* (Washington, D.C.: U.S. National Institute of Mental Health, Public Affairs Pamphlet nº 406A, 1972), pág. 15.
6. Robert E. Litman e Norman D. Tabachnick: "Teorias Psicanalíticas do Suicídio", *Suicidal Behaviors: Diagnosis and Management* (Boston: Little, Brown and Company, 1968), pág. 78.
7. Edwin S. Shneidman e Norman L. Farberow, eds.: *Clues to Suicide* (Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., 1957).
8. Erwin Stengel: *Suicide and Attempted Suicide* (Baltimore: Penguin Books, Inc., 1964).

O Lugar da Educação Religiosa no Ministério da Igreja

Ao dizer para alguns que eu me especializara em Educação Religiosa, muitos diziam: "Ah! Você vai ser professor de Bíblia!" Seria isso Educação Religiosa?

Educação Religiosa sempre foi parte integrante da vida do povo escolhido de Deus, os Hebreus. A instrução na verdade divina era tão importante que nos dias finais da peregrinação pelo deserto, Deus deu a eles a clássica declaração educacional de Deuterônimo 6:4-9. No lar, no templo, nas grandes festas nacionais e na observância semanal do sábado os judeus foram aprendendo o significado de sua origem e propósito como povo de Deus, de tal maneira que conservaram sua herança religiosa mesmo durante os 70 anos de cativeiro babilônico.

Jesus Cristo dedicou-Se à Educação Religiosa quando esteve na Terra. Ele não somente pregava às multidões mas dedicava muito de Seu tempo e atenção aos indivíduos e a pequenos grupos. Os evangelhos referem-se diretamente a Jesus como professor trinta e uma vezes. Cinco vezes Jesus Se chama a Si mesmo de mestre. 14 vezes Ele é chamado por alguém de Rabi ou Raboni.

JOSE CARLOS EBLING
Doutor em Educação Religiosa pela Andrews University; professor no Instituto Adventista de Ensino.

A mensagem de Jesus é muitas vezes chamada de "ensinos". Seus seguidores eram chamados discípulos ou alunos, e antes de Sua ascensão Ele os enviou a "ensinar todas as coisas". Ele dizia: "Aprendei de Mim."

Sobre essa sólida base a igreja cristã desenvolveu-se, sempre atenta à importância vital do "Didache" ou ensino no contexto total da missão da Igreja. Ao olharmos para o capítulo 4 de Efésios somos advertidos da importância deste assunto. Paulo, enumerando os dons do Espírito, menciona no verso 11 "pastores e mestres". Dean Alford diz ser evidente no texto grego que neste caso as duas funções eram exercidas pela mesma pessoa. Quer dizer, enquanto apóstolos, profetas e evangelistas são alistados separadamente, pastores e professores (mestres) estão juntos gramaticalmente e logicamente.¹

Não há nada de arbitrário nisto. Sejam quais forem as atividades de um pastor, ele trata de alguma maneira com os jovens. Há crianças em cada congregação e quase que em cada lar. As igrejas têm a Escola Sabatina. Os jovens das igrejas vão aos nossos colégios e ali a atitude deles e a reação para com

os ministros revelam algo do tipo de educação que estão recebendo. Na obra missionária, a educação religiosa vai de mãos dadas com a evangelização. E além disso tudo, há o fato de que tanto o lar como a comunidade estão constantemente exercendo uma influência discreta mas decisiva sobre os jovens. Entre os mais eficientes de todos os educadores estão os pais, as mães, os irmãos e amigos. Em suma, educação de uma forma ou de outra está sempre ocorrendo e é tão inevitável como a própria vida. Um dos equívocos mais comuns em educação é limitá-la às quatro paredes de uma sala de aulas ou ao *campus* escolar. Na verdade, educação religiosa é um processo contínuo, tão amplo quanto à própria experiência e no qual, todos os que têm contato com os jovens participam consciente ou inconscientemente. Daí o concluímos que um ministério não interessado em Educação Religiosa é apenas um ministério parcial. Todos os que são chamados a serem embaixadores de Cristo não podem evitar um profundo envolvimento com algo tão intimamente ligado à nossa causa como a Educação Religiosa.

Se Educação Religiosa não faz parte do currículo dos seminários teológicos, então os estudantes poderão estudar a Bíblia mas não aprenderão como comunicar a verdade bíblica às diferentes faixas de idade. Eles poderão estudar Psicologia, mas não aprenderão as necessidades espirituais e a natureza dos alunos nas diversas faixas de idade. Eles poderão estudar Sociologia, mas não saberão como ajudar a satisfazer as necessidades sociológicas através da função educacional da igreja. Eles poderão aprender História, mas não aprenderão a história da Educação Religiosa e sua relevância para a Educação Religiosa de hoje. Eles poderão estudar Filosofia sem aprender sobre a filosofia educacional no ministério da igreja local. A própria natureza, a função, o propósito e os objetivos da igreja determinam a inclusão do ministério da Educação Religiosa em seu programa.

Em vista disso, todos os seminários teológicos protestantes e católicos têm em seu programa curricular a área de Educação Religiosa. Não que todos os pastores devessem se especializar nessa área, mas esses seminários oferecem a possibilidade para tal pensando que "os alunos deveriam tomar pelo menos algumas matérias em Educação Religiosa, porque muitos deles terão que servir simultaneamente como pastores

*Jesus Cristo
dedicou-Se à Educação
Religiosa quando
esteve na Terra.
Ele não somente
pregava às multidões
mas dedicava muito
de Seu tempo e
atenção aos indivíduos
e a pequenos grupos.*

e educadores religiosos."² (Asbury Theological Seminary.)

Por essa mesma razão, a Igreja Adventista, embora muito depois das outras denominações, está oficialmente se situando quanto à Educação Religiosa ao estabelecer na Andrews University o programa de Educação Religiosa levando ao Mestrado e Doutorado, tendo como característica a ênfase nas seguintes áreas:

A - O estudo do desenvolvimento do caráter como ciência específica.

B - O estudo dos fatores na transmissão da herança religiosa.

C - Métodos pedagógicos para um ministério educacional.

Pode-se portanto caracterizar a Educação Religiosa como voltada para 2 aspectos distintos:

1. *A Educação Religiosa Institucional* — Ou seja, o ensino de Bíblia nas escolas adventistas de 1º, 2º e 3º grau. Nessa função, o Educador Religioso deve ser mais do que um simples professor. A ele compete a função pastoral e a responsabilidade pelo bem-estar espiritual de todos os que direta ou indiretamente estejam ligados às nossas escolas. Ele deve ser o evangelista e o pastor de seus alunos e dos pais desses alunos. Sua responsabilidade é ao mesmo tempo ganhar almas e conservá-las para Deus.

2. *A Educação Religiosa Não-Institucional* — Um profundo interesse pelas necessidades reais da igreja em todas as suas áreas parece ter sido a razão principal de Ellen White afirmar que "deveria haver muito menos 'sermonar' e muito mais tato para educar o povo na religião prática."³

Tal educação é exatamente a função específica do educador religioso em seu aspecto não-institucional.

Falando sobre a importância de os ministros tornarem-se eficientes na educação de outros, Ellen White diz que eles (os ministros), deveriam educar os jovens para o trabalho.⁴ Ela amplia o pensamento anterior dizendo que "Cristo deseja que Seus ministros sejam educadores da igreja no trabalho do evangelho. Eles devem ensinar ao povo como buscar e salvar o perdido."⁵

Assim, podemos concluir que na grande missão da igreja, na grande incumbência do Ide; no grande esforço para terminar a obra confiada a nós, temos, como ministros de Deus, duas funções distintas e igualmente importantes. O objetivo da pregação é proclamar a salvação àqueles que estão "mortos em pecados e ofensas", levando-os a aceitar o dom da vida. O objetivo da Educação Religiosa é ajudar as

novas criaturas a viverem à altura de suas decisões e treiná-las na nova vida.

Tendo isto em mente nós deveríamos, ao evangelizar uma pessoa, estar moralmente seguros de que será possível engajá-la em um programa sistemático de Educação Religiosa. Tal programa deveria incluir orientação sobre a família cristã, educação e disciplina dos filhos desde o nascimento até a adolescência, cursos de orientação pré-matrimonial, cursos sobre princípios de saúde, doutrinas bíblicas, métodos de evangelismo, etc.

Cada ministro na igreja, sejam quais forem os seus talentos, é chamado a ser um pregador. Ele deve proclamar o evangelho àqueles que nunca o ouviram. Entretanto, o ministro não deve limitar seu trabalho ao púlpito. Como ministro ele é também um educador. Ele deve educar o povo.

Educação Religiosa sempre foi parte integrante da vida do povo escolhido de Deus, os Hebreus.

Assim, como educador, ele deve saber como atingir a mente do povo. Deve compreender a natureza humana e os processos de aprendizagem a fim de promover e facilitar o crescimento espiritual de cada um dos membros jovens e idosos. Neste sentido, o pastor pode ser considerado um educador religioso.

Ellen White diz isto nas seguintes palavras: "Cristo era um educador e Seus ministros, que O representam, deveriam ser educadores."⁶ ■■

Referências

1. Henry Alford, *The Greek Testament*, Boston, 1878, vol. 3, pág. 117.
2. *Asbury Theological Seminary Bulletin*, 1972.
3. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 6, pág. 88.
4. Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 76.
5. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*.
6. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 4, pág. 256.

Arqueologia Bíblica Depois de 30 Anos — 3ª Parte

Recentes explorações da região ao sul e sudeste de Bab edh-Dhra trouxeram à luz as ruínas de quatro outras cidades antigas: Numeira, 13 km ao sul; Safi, 13 km mais ao sul; Feifa, 10 km ao sul de Safi; e Khanazir, 6 km ao sul de Feifa. Todas essas cidades existiram no começo da Idade do Bronze, e parece que foram destruídas mais ou menos ao mesmo tempo, a saber: antes de 2000 A.C. Alguns eruditos têm sugerido cautelosamente que essas cinco cidades devem ser ligadas às "Cidades da Planície", de Gênesis 18 e 19. Se essa insinuação for correta, então o período patriarcal, que comumente tem sido identificado com a parte média da Idade do Bronze I, teria de ser elevado para as etapas finais do começo da Idade de Bronze, isto é, para os últimos séculos do terceiro milênio A.C. É muito cedo, neste ponto das explorações em Bab edh-Dhra e nas localidades mais ao sul, para fazer uma declaração definida a esse respeito.⁹

3. *Siquém*. Depois de Jerusalém, Siquém era uma das cidades mais im-

DR. SIEGFRIED H. HORN

portantes da Palestina. A despeito de algumas interrupções, esta cidade desempenhou um papel relevante na história de Israel, desde o período patriarcal até o tempo dos Macabeus.

As primeiras escavações em Siquém foram efetuadas por expedições austríaco-alemãs, em 1913 e 1914, e novamente em 1926 a 1934, sob diversos diretores, e depois por uma expedição americana, em 1956 a 1972, da qual eu participei em diversas ocasiões. Os resultados desse trabalho de muitos períodos aumentaram consideravelmente o nosso conhecimento da antiga história dessa cidade. Foi escavada a área sagrada, em que houve primeiro o pátio de um santuário e mais tarde um templo-fortaleza dedicado a El-berith, "o deus do concerto". Este templo, destruído por Abimeleque, filho do juiz Gideão (Juizes 9), nos proveu uma data, no período dos Juizes, para a qual é difícil obter datas de fontes que não sejam bíblicas. Foram descobertas as fortificações e as áreas internas dos diversos períodos da agitada história

Artigos Gerais

de Siquém, bem como os fundamentos do templo samaritano num dos cumes do monte Gerizim e os de um templo cananeu na encosta nordestal desse monte.⁶⁰

4. *Hazor*. Esta grande cidade cananéia e israelita na Alta Galiléia foi escavada sob a direção de Yigael Yadin, em 1955 a 1958 e em 1968 a 1970. Hazor consistia de uma cidade baixa, fortificada, de 70 hectares, ocupada do décimo oitavo ao décimo terceiro século A.C., e de uma cidadela de 12 hectares, ocupada do vigésimo século A.C. até o período helenístico. A cidade experimentou diversas destruições. Yadin interpretou a destruição no décimo terceiro século como tendo sido efetuada pelos israelitas, sob a direção de Josué. Entretanto, é possível que essa destruição deva ser atribuída à guerra dos israelitas, sob a liderança de Débora e Baraque, contra Hazor (Juízes 4 e 5), ao passo que uma destruição mais antiga, atribuída por Yadin a Tutmés III ou a Amenhotep II, pode ter sido realizada por Josué.

Durante os últimos períodos de escavação descobriu-se um sistema de água subterrâneo, construído no nono século A. C. Consistia de um poço de cerca de 16 metros de diâmetro e 30 metros de profundidade. No fundo do poço começa um túnel inclinado de 4,75 metros de altura e 35 metros de comprimento, o qual termina num tanque situado no nível natural da água. A instalação toda testifica da importância de Hazor no tempo dos reis hebreus.

Além dos templos cananeus e de outras estruturas de extraordinário interesse, foi escavado o portão de uma cidade salomônica em Hazor, o qual era idêntico aos portões encontrados em Megido e Gezer. Visto que estas três cidades, além de Jerusalém, são mencionadas em I Reis 9:15 como os principais empreendimentos das atividades construtoras de Salomão, não é surpreendente encontrar nelas idênticas estruturas públicas construídas provavelmente pelo mesmo arquiteto e de acordo com os mesmos planos.⁶¹

5. *Arade*. Arade fica no Neguebe, o deserto sul-oriental da Judéia. A razão para ser mencionada entre as cidades-chave do antigo Israel escavadas em anos recentes é o fato de que ali, pela primeira vez, foram encontradas as ruínas de um templo hebraico. As escavações de Arade foram dirigidas por Yohanan Aharoni, em 1962 a 1967, quando então se descobriu esse templo que pode ter sido construído originalmente no tempo de Salomão, quando esse rei tolerava a edificação de reli-

Depois de Jerusalém, Siquém era uma das cidades mais importantes da Palestina. A despeito de algumas interrupções, esta cidade desempenhou um papel relevante na história de Israel, desde o período patriarcal até o tempo dos Macabeus.

cários de outros deuses. Ele continuou a ser usado — sendo reconstruído uma vez no nono século A. C. — provavelmente até o tempo do rei Jostias, quando tais lugares de culto foram destruídos. O templo de Arade escapou à destruição porque, no planejamento da nova cidade, executado no referido tempo, parte do muro da cidade passou diretamente sobre o templo, o qual foi assim encoberto com todos os objetos de culto nele contidos. Destarte o templo preservou-se para o arqueólogo que o descobriu mais de 2.500 anos depois disso. Em Arade deparamos, portanto, com uma amostra do tipo de templos cismáticos que existiram em Judá no período anterior ao exílio e que foram denunciados por diversos profetas. No relato sobre os textos, já mencionamos que em Arade foram encontrados também mais de cem óstracos, sendo que um deles faz alusão ao "Templo de Yahweh".⁶²

6. *Berseba*. Tell Berseba, escavada por Aharoni, em 1969 até sua morte prematura em 1976, não é a Berseba dos patriarcas. Essa localidade mais antiga deverá ser procurada provavelmente debaixo da moderna cidade com esse nome. A antiga cidade escavada, que fica a curta distância ao leste de Berseba moderna, só existiu durante o período dos reis israelitas.

A mais importante descoberta nessa localidade foi a de um grande altar de pedra de 1,6 metros de altura, com cornos em seus quatro cantos. Conquanto pequenos altares providos de cornos, usados provavelmente em casas particulares, tenham sido encontrados em várias escavações na Palestina, como as de Megido e Siquém, esta é a primeira vez que veio à luz um grande altar dessa natureza, o qual deve ter pertencido ao público num santuário regular, durante o período dos reis hebreus. Sua descoberta confirmou a interpretação de que Amós 5:5 e 8:14 se referem a um santuário cismático em Berseba no tempo do profeta Amós.⁶³

7. *Ramate Rahel*. Esta é uma pequena localidade, a meio-caminho entre Jerusalém e Belém, onde Aharoni dirigiu escavações em 1959 a 1962. O escavador tem afirmado plausivelmente que Ramate Hahel deve ser identificada com a cidade bíblica de Bete-Haquerém. Aí foram encontradas as ruínas de um palácio real dos últimos reis de Judá. Não se descobriu nenhum objeto nas ruínas desse palácio, o que indica que ele provavelmente foi completamente saqueado pelas forças babilônicas quando elas o des-

truíram, ou em 597 A. C., quando levaram o rei Joaquim para o exílio, ou durante o cerco de Jerusalém, em 588-586 A. C. Foram encontrados, porém, vários capitéis de pedra proto-eólicas que em tempos passados rematavam colunas, e a balaustrada de pedra de uma janela. Este aspecto arquitetônico é conhecido por representações encontradas em placas de marfim que retratam uma mulher olhando por uma janela, cuja parte inferior consiste de uma balaustrada semelhante à que foi encontrada em Ramate Rahel. Compõe-se de uma fileira de pequenas colunas, decoradas com um motivo de uma pétala inclinada e encimadas por pequenos capitéis de tipo proto-eólico, ligadas nas bordas das volutas. Além disso, um caco de louça encontrado durante as escavações contém um desenho que representa um rei barbado, com cabelo encaracolado, vestido de um manto ornamentado, com mangas curtas, sentado numa alta cadeira decorada. Visto que esse caco é de um utensílio local, o desenho deve ser o de um artista local, e como foi encontrado num palácio real, somos propensos a ver nesse quadro a representação de um dos últimos reis de Judá.⁶⁴

8. *Qumran*. Khirbet Qumran fora conhecida por muito tempo como uma antiga localidade em ruínas, mas ninguém lhe atribuiu grande significação histórica. Quando, porém, em suas cercanias foram descobertos manuscritos hebraicos numa caverna após a outra, considerou-se de bom alvitre investigar essas ruínas e verificar se existia alguma conexão entre o povo que habitava em Qumran e as pessoas que deixaram os rolos nas cavernas. Portanto, efetuaram-se sondagens sob a direção de Rolando de Vaux, em 1951, e quando os escavadores trouxeram à luz cerâmica idêntica à que havia sido descoberta na primeira caverna, foram realizadas escavações em grande escala, em 1953 a 1956. Essas escavações revelaram que Khirbet Qumran fora um centro comunitário dos essênios semelhante a um mosteiro. Ali os membros da seita trabalhavam, comiam e adoravam juntos numa vida comunal, embora passassem as noites nas cavernas situadas nos arredores. A propriedade continha diversos tanques ao ar livre, abastecidos por um aqueduto que trazia água das montanhas a oeste de Qumran. Alguns desses tanques serviam de reservatórios de água potável, ao passo que outros eram necessários para as abluções religiosas dos membros da seita, contando, portanto, escadas para pode-

As primeiras escavações em Siquém foram efetuadas por expedições austriaco-alemãs, em 1913 e 1914, e novamente em 1926 a 1934, sob diversos diretores, e depois por uma expedição americana, em 1956 a 1972, da qual eu participei em diversas ocasiões.

rem entrar na água. Além disso, as escavações trouxeram à luz uma fábrica de cerâmica, onde os membros da seita fabricavam seus próprios utensílios; uma cozinha repleta de artigos de cutelaria; um refeitório; uma sala de reuniões onde eles prestavam culto; e compridos bancos e mesas usados como escritório. Consistiam de armações de madeira, agora desintegradas, as quais se achavam revestidas de camadas de reboco. Também foram encontrados alguns tinteiros em conexão com as mesas e os bancos.

Em Ain Feshkha, um oásis a uns três quilômetros ao sul de Qumran, os essênios dirigiam uma propriedade rural que lhes provia os artigos de primeira necessidade. Foram escavados os edifícios dessa localidade: O estudo da literatura dos essênios encontrada nas cavernas, acrescido dos resultados das escavações em Qumran, possibilitou que reconstruíssemos a história, o estilo de vida e as crenças e os costumes religiosos da seita dos essênios.⁶⁵

9. *Jerusalém*. Algumas das mais importantes escavações já realizadas na Cidade Santa foram efetuadas nos últimos 20 anos, primeiro por Kathleen Kenyon, em 1961 a 1967,⁶⁶ e, depois da Guerra dos Seis Dias, por eruditos israelenses.⁶⁷ Essas escavações solucionaram até alguns dos mais intrincados problemas da história da cidade antiga. Entre essas questões incertas podemos citar as seguintes: 1) A Fonte de Gion era acessível do lado interno da cidade dos jebuseus e de Davi? 2) A colina ocidental se achava incluída na Jerusalém do Velho Testamento, e, em caso afirmativo, desde quando? 3) O local da Igreja do Santo Sepulcro estava dentro ou fora da cidade no tempo de Cristo? Nas encostas orientais do outeiro de Ofel e um pouco a oeste e acima da Fonte de Gion, Kenyon escavou uma parte do muro jebuseu da cidade de Jerusalém conquistada por Davi. Ela solveu dessa maneira um molesto problema que apouquentou os arqueólogos desde que um trecho do muro da cidade, escavado por R. A. F. Macalister e J. G. Duncan, na década de 1920, fora interpretado como parte do muro jebuseu, com alguns reparos visíveis atribuídos ao rei Davi. No entanto, esse muro ficava a oeste da íngreme rampa que conduzia ao "Poço de Warren" e a um túnel aberto na rocha até o Gion, não dando portanto acesso à água da fonte sem afastar-se do muro protetor da cidade. Kenyon descobriu que o muro Macalister-Duncan, com sua torre e trincheira, foi

construído no tempo de Neemias e mais tarde, e que o verdadeiro muro jebuseu, do qual ele encontrou claros vestígios, ficava mais abaixo na encosta da colina, a leste da entrada da rede de água subterrânea, a qual se encontrava assim bem dentro da cidade.⁶⁸

As escavações de Nahman Avigad na zona judaica da Velha Cidade desvendaram uma parte de um antigo muro de 7 metros de espessura, do qual ele escavou um setor de 65 metros de comprimento, bem como as ruínas de uma torre forte, construída por Ezequias ou por seu filho Manassés. Estas descobertas provaram que a parte oriental da colina ocidental estava incluída na cidade murada de Jerusalém pelo menos desde o tempo de Manassés, e talvez já mesmo desde os dias do rei Ezequias.⁶⁹

As escavações de Kenyon, em 1961 a 1963, e de Ute Lux, em 1970 e 1971, ambas efetuadas a sudeste do Santo Sepulcro, revelaram que essa região ficava fora da cidade de Jerusalém no primeiro século A. D., e só foi incorporada à cidade no tempo de Adriano, no segundo século A. D.⁷⁰ Esta descoberta não solveu a questão acerca de que o Santo Sepulcro está ou não no autêntico local da crucifixão e do sepultamento de Cristo, mas tornou possível que se aceite esse local tradicional como autêntico.

Amplas escavações numa grande região ao sul e sudoeste da área do Templo foram dirigidas por Benjamim Mazar, em 1968 a 1977. Os resultados de seu trabalho são de especial importância para melhor compreensão da Jerusalém do Novo Testamento. Ele descobriu certas evidências de que a entrada sul-ocidental do Templo não era atingida através de uma ponte de muitos arcos, que se pensava ter ligado a colina ocidental de Jerusalém com a colina do Templo, e, sim, através de uma escada que conduzia do fundo do Vale de Tiropoão, passando por uma ponte de um só arco, até o Pórtico Real no pátio exterior do Templo. Além disso, Mazar descobriu a mui impressionante e monumental escada de 64 metros de largura e composta de 30 degraus, que conduzia de uma praça ao sul da área do Templo até à Porta Dupla, no muro ao sul da plataforma do Templo. Essa porta dava acesso ao pátio externo do Templo, ao Pátio dos Gentios, por meio de uma íngreme rampa subterrânea que atingia a superfície do pátio um pouco ao norte do Pórtico Real. É preciso ver essas ruínas da Jerusalém do Novo Testa-

Além dos templos cananeus e de outras estruturas de extraordinário interesse, foi escavado o portão de uma cidade salomônica em Hazor, o qual era idêntico aos portões encontrados em Megido e Gezer.

mento para apreciar devidamente a beleza dessa cidade no tempo de Cristo.⁷¹

Durante as escavações veio à luz um grande número de fileiras de pedra do muro meridional de sustentação da plataforma do Templo construída por Herodes, o Grande. Nalguns lugares foram preservadas 34 fileiras de alvenaria, tendo cada uma delas 1,14 metros de espessura, e alguns desses blocos de pedra têm 10,5 metros de comprimento. Foram cortadas primorosamente e se ajustam tão bem que não houve necessidade de argamassa entre os blocos de pedra individuais. Tendo sido protegidas pelo entulho por quase dois mil anos, as pedras das partes recentemente escavadas do muro herodiano não se desgastaram; elas têm a aparência de que acabaram de sair das mãos dos pedreiros.⁷² Ver este muro nos ajuda a compreender melhor como os discípulos de Cristo encaram com pasmo e admiração as estruturas do Templo de Jerusalém (S. Mat. 24:1). Partes da rua pavimentada foram escavadas do lado de fora e ao longo dos muros de sustentação situados a oeste e ao sul da plataforma do Templo herodiano. Nesse pavimento há grandes blocos de pedra em grande desordem, exatamente como caíram das estruturas erigidas sobre a plataforma acima da rua, quando esses edifícios foram destruídos pelos soldados de Tito, em 70 A. D.

Antes de deixar esta parte de nosso estudo, quero acentuar mais uma vez que de maneira alguma apresentei na íntegra a profusão do material encontrado nas escavações das localidades mencionadas. Por exemplo, só fiz alusão a bem poucos objetos descobertos durante essas escavações e também fui influenciado em certa medida, na escolha dessas localidades, por meus próprios interesses. Alguns leitores provavelmente desejariam que houvessem sido incluídas tão importantes escavações como as de Betel, Dã, En-Gedi, Gezer, Gibeá, Gibeom, Hesbom, Laquis, Megido, Taanaque, Tirza e outros. Reconheço que todos esses lugares e muitos outros fizeram importantes contribuições para a nossa compreensão da história, cultura e religião bíblica, mas o tempo e o espaço me impediram certas restrições. O fato de que tanta coisa não foi considerada nesta sinopse realça o que eu disse no início, a saber: que a quantidade de evidências arqueológicas que foram desenterradas durante os últimos trinta anos é tão surpreendente que se torna

impossível expor adequadamente o assunto num breve relato.

7. Descobertas do Novo Testamento

Há alguma coincidência desta seção com a anterior porque as escavações de algumas localidades já consideradas, tais como Qumran e Jerusalém, forneceram dados que lançaram muita luz sobre os estudos do Novo Testamento. Permite, porém, que eu mencione algumas importantes descobertas que ainda não foram citadas.

Em primeiro lugar, cumpre fazer menção de um bom número de papíros contendo livros do Novo Testamento dos primeiros séculos, que foram descobertos ou publicados durante os últimos trinta anos. Dentre os principais encontram-se os papíros Bodmer, do Egito, alguns dos quais remontam ao fim do segundo século. Entre esses papíros se encontra também a mais antiga cópia das duas epístolas de Pedro conhecida até agora, procedente do terceiro século.⁷³

Nenhum relato seria completo sem que fosse citada a grande coleção de 13 códices gnósticos descobertos em Nag Hammadi, em 1946, e publicados a partir de 1956. Alguns eruditos afirmam que esses documentos ópticos, num total de 1.200 páginas manuscritas, são de maior importância para as pesquisas bíblicas do que os rolos do Mar Morto. Preciso deixar uma verdadeira avaliação de seu significado para os meus colegas.⁷⁴

Durante as escavações de Cesaréia foram descobertas duas importantíssimas inscrições fragmentárias de pedra, uma das quais faz menção de Pôncio Pilatos como prefeito da Judéia,⁷⁵ e a outra se refere a Nazaré como a sede da família sacerdotal de Hapizez após a revolta de Bar-Coqueba.⁷⁶ A inscrição de Pilatos, encontrada por uma expedição italiana, sob a direção de A. Frova, durante a escavação do teatro romano de Cesaréia, em 1961, é de grande importância, porque constitui a primeira confirmação do cargo de Pilatos como governador da Palestina, procedente do primeiro século A. D., além do testemunho da Bíblia e de Josefo.

A inscrição de Nazaré, encontrada durante a escavação de Cesaréia sob a direção de Michael Avi-Yonah, em 1962, tem maior importância ainda, porque Nazaré não é mencionada em nenhuma fonte antiga, fora do Novo Testamento. Esse nome não aparece no Velho Testamento nem nas obras de Josefo, e tampouco na literatura

Arade fica no Neguebe, o deserto sul-oriental da Judéia. A razão para ser mencionada entre as cidades-chave do antigo Israel escavadas em anos recentes é o fato de que ali, pela primeira vez, foram encontradas as ruínas de um templo hebraico.

judaica que não é bíblica. Por esta razão alguns críticos chegaram até a pôr em dúvida a sua existência nos tempos do Novo Testamento. Tal descoberta foi, portanto, uma ocorrência sumamente importante.

Outra descoberta muitíssimo importante ocorreu em Jerusalém, em 1968, quando foram encontrados os ossos de um homem crucificado, num sepulcro aberto em rocha, no arrabalde nordestal de Giv'at ha-Mivtar. O esqueleto foi encontrado num receptáculo de pedra chamado *ossuário*. Ambos os ossos calcâneos haviam sido transfixados por um grande cravo de ferro, e descobriu-se que as tíbias foram quebradas intencionalmente. Esse homem, cujo nome — Johanan — estava gravado sobre o seu ataúde, atingira 24 a 28 anos de idade ao ser executado, media 1,68 metros de altura e, evidentemente, nunca se empenhara em trabalhos pesados, segundo é evidenciado pela condição de seu esqueleto. Talvez tenha pertencido a uma família abastada, ou era um erudito ou professor, que pode ter sido executado por algum crime político. A evidência arqueológica revela que a sua crucifixão ocorreu no primeiro século A. D., antes da queda de Jerusalém em 70 A. D., e, por conseguinte, durante o tempo de ministério de Jesus ou pouco depois. Os calcâneos traspassados por um comprido cravo de ferro demonstram que ele foi crucificado de um modo muito incômodo e numa posição física extremamente dolorosa, a qual tem sido objeto de diferentes interpretações pelos eruditos.⁷⁷ Visto que essa é a primeira vez em que foram encontrados os restos mortais de um indivíduo crucificado, a evidência é importante. Juntamente com outros indícios disponíveis, temos agora um quadro mais claro dos sofrimentos e das humilhações que Jesus Cristo suportou a fim de salvar a humanidade caída.

No verão do ano passado visitei pela quinta vez o Mosteiro de Santa Catarina, no sopé do monte Sinai, e obtive mais algumas informações de um guia israelense local a respeito de uma sensacional descoberta da qual eu já tomara conhecimento através de um vago relato num jornal. Depois disso, também saiu um breve anúncio no número de março de 1978, da revista *Biblical Archeologist*,⁷⁸ que encontrei sobre minha escrivaninha ao voltar do Oriente Próximo, no fim de julho.

As informações fragmentárias, juntadas umas às outras, indicam que há uns dois anos houve um incêndio numa

das estruturas construídas em sentido oposto à face interna da parede do mosteiro, causando algum dano, e durante os reparos subsequentes, os trabalhadores penetraram acidentalmente num pequeno aposento desconhecido, no qual encontraram várias caixas contendo manuscritos.

Depois dessa descoberta, três eruditos gregos, de Atenas, obtiveram permissão para estudar e microfilmar o material no mosteiro, mas eles não emitiram um relato oficial de seu trabalho e de seus achados. Segundo notícias de segunda mão, o material descoberto consiste de textos patrísticos e litúrgicos, em pergaminhos e papiros, originados entre o quarto e o nono século. O ponto mais surpreendente nesses boatos é que entre os manuscritos há algumas páginas adicionais da Bíblia incompleta, do quarto século, que Constantino von Tischendorf descobriu nesse mesmo mosteiro mais de cem anos atrás — o famoso *Codex Sinaiticus*, que é agora um dos inapreciáveis tesouros do Museu Britânico, em Londres.

Conclusão

Ao examinar as excitantes descobertas realizadas no âmbito da arqueologia bíblica durante as três últimas décadas não podemos deixar de sentir-nos como Ulrich von Hutten, humanista do século dezesseis, se sentiu no tempo em que a Renascença e a Reforma tornaram sua vida muito emocionante. Ele disse que freqüentemente dava graças a Deus por permitir que visse numa época em que era tão interessante e inspirador estar vivo. Durante as últimas décadas, ao serem feitas descobertas e mais descobertas que iluminam a Bíblia em tantos aspectos, muitas vezes também tenho ficado emocionado e grato por ver uma luz tão brilhante incidindo sobre a Bíblia em meu tempo.

É maravilhoso que durante estas três últimas décadas se descobriram dezenas de manuscritos bíblicos em hebraico, que fortaleceram a confiança dos que sempre acreditaram que o texto da Bíblia nos chegou às mãos essencialmente inalterado. Nosso coração também tem ficado excitado ao vermos que certas descobertas feitas nas terras bíblicas evidenciaram que existia uma escrita alfabética no tempo dos mais antigos escritores da Bíblia; que tais lugares como Sodoma e Gomorra não eram cidades de lendas antigas; e que muitos pormenores históricos do Velho e do Novo Testamento são historicamente fidedignos. E os sensacionais

A inscrição de Nazaré, encontrada durante a escavação de Cesaréia sob a direção de Michael Avi-Yonah, em 1962, tem maior importância ainda, porque Nazaré não é mencionada em nenhuma fonte antiga, fora do Novo Testamento.

achados que estão sendo feitos constantemente nas antigas terras bíblicas prendem a imaginação de muitos diligentes estudantes da Bíblia, conforme é claramente demonstrado pela crescente popularidade de periódicos ou livros que tratam da arqueologia bíblica. Isto pode ser visto pelo fato de que a *Biblical Archeology Review* ("Revista de Arqueologia Bíblica"), só para citar um exemplo, já alcançou 35.000 assinantes no quarto ano de publicação. Quem sabe o que revelarão as próximas décadas? Ninguém é capaz de prever o que o solo da Palestina ou da Mesopotâmia trará à luz antes que decorram mais trinta anos. Contudo, se os últimos trinta anos constituem uma indicação do que se pode esperar que seja descoberto no futuro, nossas esperanças não poderão ser demasiado elevadas. ■

59. A. Ben-Tor, "Bab edh-Dhra", *EAEHL* 1:149-151; Walter E. Rast e R. Thomas Schaub, "Sinopse da Planície Sul-Oriental do Mar Morto, 1973", *Annual of the Department of Antiquities of Jordan*, 19 (1974): 5-53.

60. G. Ernest Wright, *Shechem, the Biography of a Biblical City* (Nova Iorque, 1965); Robert J. Bull, "As Escavações de Tel er-Ras no Monte Gerizim", *BA* 31 (1968): 58-72.

61. Yadin, "Hazor", *EAEHL* 2:474-485.

62. Aharoni, "Arade", *Idem*, 1:74-75, 82-89.

63. Aharoni, "Berseba", *Idem*, 1:160-168; "O Altar Prévio de Cornos, de Berseba", *BA* 37 (1974): 2-6.

64. Aharoni, "Bete-Haquerem", em *Archaeology and Old Testament Study* (Oxford, 1967), págs. 171-184.

65. R. de Vaux, *Archaeology and the Dead Sea Scrolls* (Londres, 1973).

66. Kenyon, *Digging Up Jerusalem* (Nova Iorque, 1974).

67. Yadin, ed., *Jerusalem Revealed* (Jerusalém, 1975).

68. Kenyon, *Digging Up Jerusalem*, págs. 76-97.

69. Avigad, em Yadin, ed., *Jerusalem Revealed*, págs. 43; *Idem*, em *IEJ* 27 (1977): 56.

70. Kenyon, *Digging Up Jerusalem*, págs. 226-235, 261; Ute Lux, "Vorläufiger Bericht über die Ausgrabung unter der Erlöserkirche im Muristan in der Altstadt von Jerusalem in den Jahren 1970 und 1971", *Zeitschrift des Deutschen Palästina Vereins* 85 (1972): 184-201.

71. Benjamim Mazar, em Yadin, ed., *Jerusalem Revealed*, págs. 25-35.

72. *Idem*, fotografia na pág. 34.

73. Floyd V. Filson, "Um Novo Manuscrito de Papiro do Evangelho de S. João", *BA* 20 (1957): 54-63; Filson, "Os Papiros Bodmer", *BA* 22 (1959): 48-51; Filson, "Mais Papiros Bodmer", *BA* 25 (1962): 50-57.

74. Victor R. Gold, "A Biblioteca Gnóstica de Chenoboskion", *BA* 15 (1952): 70-88; Filson, "Novos Manuscritos Gregos e Copticos do Evangelho", *BA* 24 (1961): 2-18; A. K. Helmbold, *The Nag Hammadi Gnostic Texts and the Bible* (Grand Rapids, Mich., 1967); James M. Robinson, ed., *The Nag Hammadi Library* (Nova Iorque, 1977).

75. A. Frova, "L'iscrizione di Ponzo Pilato a Cesarea", *Rendiconti, Istituto Lombardo, Accademia di Scienze e Lettere*, 95 (1961): 419-434; J. Vardaman, "Uma Nova Inscrição que Menciona Pilatos como 'Prefeito'", *JBL* 81 (1962): 70-71.

76. Avi-Yonah, "Uma Lista de Carreiros Sacerdotais de Cesaréia", *IEJ* 12 (1962): 136-139.

77. V. Tzaferis, "Túmulos Judaios de Givat ha-Mivtar, Jerusalém", *IEJ* 20 (1970): 18-32; N. Haas, "Comentários Antropológicos Sobre os Restos Esqueletais de Givat ha-Mivtar", *Idem*, págs. 49-59; Yadin, "Epigrafia e Crucificação", *Idem*, 23 (1973): 18-22; V. Moller-Christensen, "Restos Esqueletais de Givat ha-Mivtar", *Idem*, 26 (1976): 36-38.

78. S. Agourides e J. H. Charlesworth, "Nova Descoberta de Manuscritos Antigos no Monte Sinai: um Relatório Preliminar", *BA* 41 (1978): 29-31.

"As crianças de oito, dez, ou doze anos, já têm idade suficiente para serem dirigidas ao tema da religião individual." — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 150.

Pregação e Interpretação Bíblica

É importante que o ministro reconheça sua responsabilidade como intérprete da Bíblia. O pastor de igreja, de tipo médio, talvez não tenha tanto conhecimento como o especialista em assuntos bíblicos, mas deve ter suficiente compreensão da Bíblia para manejar devidamente a Palavra da Verdade. E deve estar ciente de que ele é quase a única fonte da qual as pessoas medianas a freqüentarem a igreja aprenderão o significado e a relevância da Bíblia. Houve um tempo em que a maioria das pessoas estudavam a Bíblia por si mesmas. A observação parece indicar que esse tempo, em grande parte, já passou. Até mesmo as congregações adventistas necessitam de mais pregações centralizadas na Bíblia.

A Bíblia, que o pregador deve explicar, interpretar e aplicar, contém as boas-novas de um Salvador que viveu e morreu, que ressuscitou dentre os mortos, que é agora nosso Advogado e que virá outra vez. A Bíblia é uma autêntica revelação de Deus, de Cristo e do Espírito Santo. Ela revela como o homem deve relacionar-se com Deus. Com a ajuda do Espírito Santo, o pregador tem muita coisa a explicar, a interpretar e a aplicar.

Aplicando a Hermenêutica

A ciência e a arte de interpretar a Bíblia, conhecidas como hermenêutica, são as mesmas para o erudito, para o professor, para o leigo e para o pregador. A diferença está no uso que é feito do material interpretado.

O erudito pode escrever um livro para outros eruditos; o professor pode explicar o significado da Bíblia para os seus alunos; o leigo pode dar estudos bíblicos para um amigo; mas o pregador interpreta a Bíblia a fim de persuadir as pessoas a se tornarem cristãs e para nutrir os que já são cristãos.

Consideremos alguns princípios hermenêuticos com o objetivo de relacioná-los com a tarefa especial do pregador.

“Só a Bíblia”

Há o princípio de *sola Scriptura* — “Só a Bíblia”. Isto significa que toda pregação deve ser uma pregação bíbli-

NORVAL F.
PEASE

ca. Hesito em usar o termo *expositivo* porque há muita confusão quanto ao seu significado. O sermão bíblico pode tomar diversas formas. Pode analisar uma passagem da Bíblia, usando as divisões naturais desse texto como os pontos do sermão. Pode versar sobre a inferência teológica e prática dessa passagem. Pode tratar de um assunto ou de um problema humano, usando a Bíblia como a principal fonte de informação a respeito desse assunto ou a chave para a solução de um problema. Este princípio diz ao pregador que ele jamais deve olvidar que a Bíblia é a Palavra de Deus, a norma de fé e prática para o cristão e a fonte basilar de idéias e materiais de pregação.

Unidade da Escritura

A seguir, há o princípio da *unidade da Escritura*. Isto significa que a Bíblia ensina uma só teologia, não uma variedade de teologias. Quer dizer, por exemplo, que não há divergência *fundamental* entre a teologia de Paulo e a teologia de Tiago. Essa unidade é afirmada com base na pressuposição de que o mesmo Espírito Santo guiou todos os escritores bíblicos; por conseguinte, a despeito de suas diferenças individuais, persiste uma unidade fundamental.

Que significa isso para o pregador? Significa que ele terá suficiente compreensão da teologia bíblica para que os seus sermões sobre Romanos não contradigam seus sermões sobre Tiago. Em outras palavras, suas pregações unificarão o conceito de seus ouvintes sobre a Escritura. Esse discernimento será aprofundado pela compreensão do lugar de Cristo na Escritura.

Quando um pregador planeja um sermão, sempre deve perguntar a si mesmo: “Como a mensagem deste sermão se relaciona com a mensagem bíblica em sua totalidade? Ela é corroborante ou inadequada?” Para fazer corretamente esta avaliação, o pregador precisa conhecer o ensino de toda a Bíblia acerca de Deus, de Cristo, da salvação, do homem, da lei, da revelação, do futuro e de todos os outros assuntos que têm que ver com a relação entre Deus e o homem.

A Escritura Explica a Escritura

O terceiro princípio: "A Escritura deve explicar a Escritura" provém da Reforma Protestante. Significa que o critério supremo para determinar o significado de alguma parte da Escritura é o testemunho de outras passagens bíblicas que tratam direta ou indiretamente do mesmo assunto. Este princípio é um corolário da idéia da unidade na Escritura.

Que isso envolve para o pregador? Indica que ele precisa ser metucioso em comparar a parte sobre a qual irá pregar com outras passagens bíblicas relacionadas com o assunto. Para realizar isto com a maior eficácia, ele deve ter um conhecimento básico das línguas bíblicas. Quer conheça grego ou hebraico, quer não, deve saber como usar eficazmente uma concordância analítica. Tem de estar disposto a rejeitar uma "brilhante" idéia para pregação se descobrir que ela não está em harmonia com o autêntico significado da passagem no contexto de passagens paralelas ou explanatórias.

Palavras e Frases

O quarto princípio tem que ver com a *correta interpretação de palavras e frases bíblicas*. Este princípio nos traz à lembrança a lacuna da linguagem que precisa ser transposta. O pregador, quer seja ou não versado nas línguas bíblicas, deve descobrir como determinar se a palavra ou as palavras que está realçando em seu sermão transmitem a idéia que o escritor bíblico tinha em vista. Por exemplo, a palavra *fé* pode significar "fé salvadora" no mais elevado sentido cristão; pode significar "concordar com uma idéia"; pode referir-se à fidelidade. Não menos que seis significados diferentes de *fé* são revelados na Epístola de Paulo aos Romanos.

O pregador também deve estar ciente da importância do estudo das frases. O significado de uma palavra muitas vezes é esclarecido por seu contexto na frase (no original) em que é usada.

A habilidade de avaliar traduções e paráfrases constitui uma crescente necessidade de todo ministro com a proliferação de novas versões. Essa avaliação deve basear-se em sólida erudição, e não em preconceitos e preferências pessoais.

Contexto e Antecedentes

Este princípio tem que ver com o *contexto e a posição histórica*. Visto que eruditos liberais têm falado sobre

A Bíblia, que o pregador deve explicar, interpretar e aplicar, contém as boas-novas de um Salvador que viveu e morreu, que ressuscitou dentre os mortos, que é agora nosso Advogado e que virá outra vez.

isso, alguns conservadores se tornaram céticos quanto a todo esse conceito. O fato de que os liberais dão indevida ênfase a este princípio faz com que seja muito mais importante que os conservadores compreendam seu uso apropriado.

O pregador precisa relacionar a passagem escolhida com a unidade literária em que ela se encontra. Deve estar ciente do autor e das circunstâncias, do tempo e do lugar da escrita desse trecho e por que motivo isto ocorreu. Essas informações talvez não sejam manifestadas no sermão, mas devem fazer parte do equipamento do pregador ao preparar a sua alocação. Por outro lado, esse conhecimento não deve ser interpretado como reduzindo as Escrituras ao mesmo nível da literatura de origem humana. Os escritores da Bíblia mantiveram sua individualidade e escreveram no contexto de seu tempo, mas foram instrumentos de Deus.

Terríveis erros têm sido cometidos por pregadores que deixaram de inteirar-se do contexto e dos antecedentes históricos, tanto de trechos da Bíblia como dos escritos de Ellen G. White. Como pregadores, temos o dever para com os nossos ouvintes e para com Deus de ser reverentemente metuciosos em nossa interpretação da Palavra do Senhor.

Interpretar Literalmente

Outro importante princípio hermenêutico é o de que *a mensagem da Bíblia deve ser interpretada literalmente, a não ser que seja OBIAMENTE figurada*. Muitos pregadores não têm resistido à tentação de apegar-se demasiado à alegoria. Uma das realizações da Reforma Protestante foi o dilaceramento do método alegórico de interpretação bíblica que fora popular por diversos séculos.

O pregador tem o direito de extrair lições de passagens bíblicas. Pode dizer livremente: "Esta passagem sugere...", ou: "Esta passagem pode ser aplicada..." Mas quando ele declara: "Esta passagem significa...", convém que se atenha ao significado literal exposto pelo escritor. Significados mais profundos podem ser sugeridos pelo texto, mas para serem autênticos devem ter o claro apoio de outros escritores inspirados.

A interpretação de expressões figuradas, como os símbolos proféticos, apresenta problemas difíceis. Neste sentido, novamente, o procedimento mais seguro é procurar uma clara afir-

mação de outro escritor inspirado. Os pregadores devem ter especial cuidado para não desencaminharem seus ouvintes com interpretações fantasiosas e não confirmadas. Leigos desiludidos podem perder a fé se descobrem que seus ministros não sabem o que falam no âmbito da interpretação profética.

O princípio literal-figurado também constitui uma advertência contra a metodologia da escola de Bultmann. Esse método de interpretação priva a Bíblia de seu significado original, substituindo-o por abstrações filosóficas. O ministro que adota tal método está substituindo a revelação de Deus por teorias humanas.

Princípio Tipológico

Uma ampliação do princípio que acabamos de considerar é conhecida como o *princípio tipológico*. A tipologia é uma forma legítima de interpretação bíblica. Muitos sermões têm sido preferidos por pregadores adventistas do sétimo dia que usam passagens da Epístola aos Hebreus para desvendar os mistérios do ritual do santuário do Velho Testamento. Isto não precisa consistir de alegorias sem fundamento, nem de indevida espiritualização. Deve ser o processo de reconhecer o tipo (geralmente do Velho Testamento) que encontra a parte que lhe corresponde no antítipo do Novo Testamento.

Os pregadores se põem em dificuldades quando usam demasiadamente a imaginação neste setor. As inferências devem apoiar-se em evidências razoáveis. Não convém usar analogias infundadas, nem citar autoridades que não merecem confiança. "Interpretações particulares" abalam a fé no pregador e, o que é mais trágico, na própria Bíblia.

Conclusões

Os ministros que lêem este artigo talvez sejam tentados a dizer: "Será que tudo isso realmente é necessário?" Pode ser que ponham em dúvida a importância de compreender a teologia da pregação e perguntem a si mesmos se as regras da hermenêutica de fato se aplicam a eles.

Respondendo a essas perguntas, Bernardo Ramm, um dos mais notáveis escritores contemporâneos sobre o assunto da interpretação bíblica, declara o seguinte:

"Com demasiada freqüência, os pregadores acham que a pregação é de tal natureza que os isenta da firme adesão às regras da exegese. A correta exegese é necessária para os comentaristas e

A Bíblia é uma autêntica revelação de Deus, de Cristo e do Espírito Santo. Ela revela como o homem deve relacionar-se com Deus.

teólogos, mas alega-se que os pregadores têm uma 'licença poética' no tocante à Escritura. Isto constitui um raciocínio muito deplorável. Se o dever do pregador é ministrar a Palavra de Deus, a hermenêutica é o meio pelo qual ele determina o significado da Palavra de Deus. *Pedir isenções das estritas regras da hermenêutica é, portanto, pedir isenção de pregar o verdadeiro significado da Palavra de Deus.* Isto constitui precisamente o repúdio do que um homem é chamado a pregar, a saber: a verdade da Palavra de Deus.

"Isto não significa que a pregação não é nada mais do que exegese pública ou comentário monótono sobre o texto sagrado. Deve haver energia, vida, imaginação, relevância, ilustração e entusiasmo em toda pregação. Exposição livresca, árida e técnica não é necessariamente pregar a Palavra de Deus. Mas sempre que for usada a Escritura Sagrada, ela deve ser usada de acordo com as sólidas regras da hermenêutica." — *Protestant Biblical Interpretation*, pág. 178.

A hermenêutica bem fundada deve realçar o valor dos sermões do pregador. Suas mensagens devem ser mais autênticas e atraentes pelo fato de refletirem mais adequadamente a mensagem das Escrituras. Os pregadores adventistas precisam encarar seriamente o seguinte conselho de Ellen G. White: "O estudante da Palavra não deve fazer de suas opiniões um centro em redor do qual deva revolver a verdade. Ele não a deve examinar com o propósito de encontrar textos das Escrituras que possa usar com o fim de provar suas teorias; pois que isto é torcer as Escrituras, para sua própria perdição. O estudante da Bíblia deve esvaziar-se de todo preconceito, depor à porta da investigação suas próprias idéias; e com um coração humilde e submisso, com o *eu* oculto em Cristo, com fervorosa oração, deve buscar sabedoria de Deus." — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 408.

Pregação — verdadeira pregação — é interpretação bíblica, complementada pela arte da persuasão, e tudo isso sob a orientação do Espírito Santo. ■■

"Ao passarem-se os anos, é provável que diminua a sensibilidade pelas coisas divinas e seja menor a suscetibilidade às influências religiosas. Diariamente Satanás trabalha para [prender os jovens] nos hábitos de desobediência e no espírito de impenitência, havendo menos probabilidade de que se tornem cristãos." — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 80.

União Norte-Brasileira

O Brasil tem três uniões. A União Norte abrange precisamente a parte norte e nordeste deste grande país, e possui 37.525 membros e 76 igrejas organizadas. Seu presidente é o Pastor Alberto Ribeiro de Souza, o qual trabalhou como obreiro distrital e departamental, e como presidente da Missão Catarinense, antes de sua responsabilidade atual.

A União tem três Campos locais: Missão Baixo-Amazonas, com sede em Belém; Missão Central-Amazonas, com sede em Manaus; Missão Costa-Norte, com sede em Fortaleza.

Educação: A União possui dois colégios com internato: O Instituto Adventista Agro-Industrial, em Manaus, e o Instituto Adventista Agro-Industrial da Transamazônica, perto de Altamira. Há também dois colégios externos (em Belém e Fortaleza) e um colégio em Belém para a comunidade japonesa.

Saúde: Em Belém está situada a magnífica instituição médica chamada Hospital Adventista de Belém, cuja influência e fama se estende por todo o Norte do Brasil. Em Manaus há uma clínica que goza de boa reputação, e talvez a parte mais emocionante é a obra das seis lanchas missionárias e das quatro clínicas rodantes que prestam assistência médica e missionária ao longo dos rios e afluentes do Amazonas e dos longos caminhos da selva amazônica. Centenas de vidas têm sido salvas pelo heróico ministério dos obreiros que trabalham ali. Um pequeno avião reforça o trabalho das lanchas.

Os leigos são muito ativos e trabalham de modo especial distribuindo milhares de exemplares do folheto intitulado: "Urgente."

Conheçamos as Uniões

É interessante notar que percorrem os rios quatro lanchas dedicadas à colportagem.

Evangelismo: A União arde em entusiasmo e fogo evangelizador. O Pastor José Bessa, evangelista da Divisão Sul-Americana, dirige uma grande campanha em Fortaleza, a qual rendeu centenas de almas. Além disso, todos os pastores e muitos leigos realizam campanhas evangelizadoras.

Os leigos são muito ativos e trabalham de modo especial distribuindo milhares de exemplares do folheto intitulado: "Urgente." Também são realizadas séries de conferências por meio das unidades evangelizadoras.

Há três emissoras que irradiam o programa da Voz da Profecia, produzido no Brasil.

Grandes desafios e grandes bênçãos: A União Norte-Brasileira não é um campo fácil. É um campo missionário que constitui um verdadeiro desafio para obreiros fortes e corajosos, e no qual o Senhor está derramando ricas bênçãos. Foi recebida uma doação de três mil hectares de terra fértil para a edificação do Instituto Adventista Agro-Industrial da Transamazônica, que será uma grande bênção para a igreja e a sociedade nessa enorme região.

Esse campo merece ser lembrado permanentemente em nossas orações. Damos graças a Deus pelos obreiros consagrados que ali trabalham e pelo evidente progresso da obra. ❧

Notas Breves

GRANDES RESULTADOS EM 1978

A Divisão Interamericana batizou 54.659 almas em 1978. A União Mexicana esteve à frente com 13.696 almas e a União Centro-Americana ficou em segundo lugar, com 7.676 almas batizadas. A Associação Sul-Mexicana, com 4.826, foi o Campo local que mais almas batizou.

CONGRATULAÇÕES

O Pastor Vítor Amperuero Matta, professor de Teologia, redator, escritor e tradutor do Comentário Bíblico Adventista para o castelhano, foi escolhido pela Universidade Andrews para receber o doutorado *Honoris Causa*.

O mesmo grau será conferido ao Pastor

Bender L. Archbold, presidente da Divisão Interamericana, em reconhecimento de suas excepcionais capacidades de administrador com visão evangelística.

EXPLOSÃO EVANGELÍSTICA 79

Temos recebido notícias extraordinárias dos primeiros resultados do plano EXPLO-

SÃO EVANGELÍSTICA 79. No fim de março, a Associação Panamense havia alcançado 50% de seu alvo de almas do ano. Seu presidente, Pastor Luís Alaña, já era "centurião" no mês de fevereiro.

Vários campos estão organizando batismos de 1.000 almas num dia. As perspectivas são excelentes.